

Atributos de Psicopatia Primária e Secundária, Autocriticismo e Vergonha

ANA RAQUEL SIMÕES RIBEIRO

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Terapias Cognitivo-Comportamentais

Orientadora: Professora Doutora Helena Espírito Santo, Professora Auxiliar, ISMT

Coorientadora: Mestre Inês Queiroz Garcia, ISMT

Coimbra, abril de 2017

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha orientadora, a Professora Helena Espírito Santo, por todas as partilhas, ensinamentos, ajuda e por me ter incentivado sempre a melhorar.

À minha coorientadora, a Mestre Inês Garcia, por todo o tempo despendido para me ajudar e por me ter sempre motivado nas situações mais difíceis. Obrigada por te teres tornado numa amiga!

Aos meus pais porque sem a vossa ajuda teria sido impossível chegar aqui! Desculpem o meu mau feito e falta de paciência em tantos dias seguidos! Obrigada pai por teres estado presente na minha vida académica e obrigada mãe por teres apanhado as minhas lágrimas em momentos de desespero ao longo deste percurso!

Ao Simão por toda a paciência, carinho e palavras de conforto que me deste neste percurso. Sei que percebias e compreendias as minhas ausências de tantas horas!

À minha amiga Sara Santos pela amizade e confiança de tantos anos e por todos os momentos de convivência e alegria quando as duas tanto precisávamos!

À minha amiga Alexandra que tanto me aturou. Obrigada por todos os ensinamentos que me transmitiste nestes anos por e tantas gargalhadas quando nada o fazia prever!

A todos os restantes amigos e familiares que sempre se preocuparam comigo!

A todos o meu muito obrigada!

Resumo

Objetivo: Perceber qual a intensidade da psicopatia primária e secundária numa amostra *online*; saber quais as variáveis sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, escolaridade, situação profissional) que têm influência na psicopatia, no autocriticismo e na vergonha; quais as relações existentes entre as variáveis em estudo e verificar se essas potenciais relações são afetadas pelas variáveis sociodemográficas.

Método: A amostra foi constituída por 368 indivíduos (65 homens e 303 mulheres), com idades compreendidas entre os 18 e os 72 anos, que responderam à *Levenson's Self Report Psychopathy Scale* (LSRPS) - versão portuguesa, à *Forms of Self-Criticizing and Reassuring Scale* (FSCRS) e à *Compass of Shame Scale* (CoSS).

Resultados: Verificaram-se mais atributos de psicopatia primária do que de psicopatia secundária. Verificou-se que o maior número de atributos de psicopatia primária estavam presentes nos homens, em sujeitos com idades entre os 18 e os 25 anos e nos sujeitos solteiros. No autocriticismo, as mulheres apresentaram mais sentimentos de inadequação perante fracassos ou obstáculos. Os homens tiveram atitudes mais positivas, calorosas e de conforto para com o *eu*. Quanto à vergonha, nos estilos de *coping* Ataque ao Self e Fuga, foram as mulheres que apresentaram uma pontuação mais alta, estatisticamente significativa quando comparadas com os homens.

Conclusão: Os atributos de psicopatia primária estão relacionados com os atributos de psicopatia secundária, com as formas do Eu Detestado e do Eu Inadequado (FSCRS) e com o Ataque ao Outro (CoSS). Os atributos de psicopatia secundária estão relacionados com todas as formas do autocriticismo e com todos os estilos de *coping* para lidar com a vergonha.

Palavras-chave: psicopatia primária e secundária; autocriticismo; vergonha.

Abstract

Purpose: To understand the intensity of the primary and secondary psychopathy attributes in an online sample; To know which sociodemographic variables (age, sex, marital status, education level, professional situation) have an influence on psychopathy, self-criticism, and shame; What relation exists between the variables under study and verify if these potential relationships are affected by the sociodemographic variables.

Method: The sample consisted of 368 individuals (65 men and 303 women), aged between 18 and 72 years, all of whom responded to the Levenson's Self Report Psychopathy Scale (LSRPS) – Portuguese version, to Forms of Self-Criticizing and Reassuring Scale (FSCRS) and the Compass of Shame Scale (CoSS).

Results: There are more attributes of primary psychopathy than of secondary psychopathy. It was verified that the greatest number of attributes of primary psychopathy are presented in men, subjects between the ages of 18 and 25 years and single subjects. In self-criticism, women have more feelings of inadequacy in the face of failures or obstacles. Men have more positive, warm, and comfort attitudes toward self. As for shame in the coping styles Attack Self and Withdrawal, are the women who present higher scores, statistically significant, when compared with the men.

Conclusion: The attributes of primary psychopathy are related to the attributes of secondary psychopathy, with the forms of Hated Self and Inadequate Self (FSCRS) and Attack Other (CoSS). The attributes of secondary psychopathy are related to all forms of self-criticism and all coping styles to deal with shame.

Keywords: primary and secondary psychopathy; self-criticizing; shame.

Introdução

Psicopatia

A *Psicopatia, Sociopatia ou Perturbação Antissocial da Personalidade* (American Psychiatric Association [APA], 2013/2014; Pires, 2003) surge em 1809 através do trabalho de Pinel que a denomina de “mania sem delírio” (Soeiro e Gonçalves, 2010). A psicopatia tem como característica fundamental um “padrão global de menosprezo e violação dos direitos dos outros”, com início na infância ou na adolescência precoce e com continuidade na idade adulta (APA, 2013/2014, p. 788), sendo mais os homens os que apresentam valores mais elevados de psicopatia (APA, 2013/2014; Lee e Salekin, 2010).

A psicopatia é uma perturbação de personalidade caracterizada por um conjunto de traços que incluem características afetivas interpessoais (e.g., manipulação, falta de afeto e emoções) e características antissociais (e.g., impulsividade e agressividade) (Hare, 1993/2003, citado por Gao, Raine, Chan, Venables e Mednick, 2010). A psicopatia não é, então, considerada uma doença mental, mas sim uma perturbação que tem por base traços psíquicos (Cantero, 1993, citado por Soeiro e Gonçalves, 2010) e deve ser vista numa dimensão contínua (Levenson, Kiehl e Fitzpatrick, 1995).

Cleckley (1988) através do seu livro *The Mask of Sanity*, descreve os traços mais relevantes de um psicopata, sendo estes: (i) charme superficial e uma boa “inteligência”; (ii) ausência de alucinações e outras manifestações de pensamento irracional; (iii) ausência de nervosismo ou manifestações psiconeuróticas; (iv) não ser digno de confiança; (v) ser mentiroso e insincero; (vi) falta de remorsos ou vergonha; (vii) comportamento antissocial inadequadamente motivado; (viii) inaptidão de julgamento e fracasso em aprender pela experiência; (ix) egocentrismo patológico e incapacidade para amar; (x) pobreza geral nas principais reações afetivas; (xi) perda específica de “insight”; (xii) apatia na generalidade das relações interpessoais; (xiii) comportamento fantasioso pouco recomendável com ou sem consumo de bebidas alcoólicas; (xiv) ameaças de suicídio raramente cumpridas; (xv) vida sexual interpessoal trivial e pouco integrada; (xvi) incapacidade em seguir um plano de vida.

A literatura também aponta para a existência de dois tipos de psicopatia: primária e secundária. No passado, Karpman foi o primeiro a fazer a distinção entre o psicopata idiopático ou primário e o psicopata somático ou secundário. Para este autor, o psicopata primário não tem consciência, é calculista, egoísta e indiferente enquanto que o psicopata secundário consegue, por vezes, demonstrar traços sociais positivos, tais como o sentimento de culpa, a empatia e o desejo de ser aceite na sociedade (Karpman, 1948). Contudo,

Warburton e Anderson (2015) referem que os psicopatas, principalmente os secundários, são impulsivos, destemidos e despreocupados com as consequências negativas tanto para si como para com as vítimas.

Hare descreve a psicopatia como um constructo multidimensional composto pelo Fator 1 referente a traços emocionais e interpessoais e pelo Fator 2 relativo a desvio social. O Fator 1 define o psicopata como eloquente, superficial, egocêntrico, enganador, manipulador, grandioso, com ausência de remorsos ou culpa, com falta de empatia e de emoções “rasas”, ou seja, é emocionalmente pobre. O Fator 2 define o psicopata como impulsivo, irresponsável, com necessidade de excitação, tendo problemas de comportamento desde novo e um comportamento antissocial na idade adulta. (Hare, 1993/2013; Hare e Neumann, 2008). A *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R) de Hare permite a avaliação destas características nos psicopatas e fornece informação detalhada das personalidades perturbadas dos psicopatas (Hare, 1993/2013).

As causas da psicopatia podem ser variadas. As pessoas com personalidade psicopática crescem em famílias desfavorecidas e conflituosas, que coabitam com diversas gerações na mesma habitação e com a presença de estranhos. Os adultos são impulsivos, com frequentes desavenças e problemas de alcoolismo. A figura paterna pode ser ausente, nunca ter existido ou ser desvalorizada e a figura materna é incongruente quanto ao seu comportamento e às suas emoções (e.g., funcionam nos extremos: passividade/agressividade, afeto/frieza) para com a criança/adolescente (Marcelli e Braconnier, 1983/2005). Por outro lado, os pobres laços parentais (a falta de cuidados maternos e a baixa superproteção parental) e o abuso físico ocorrido na infância estão associados à personalidade psicopática (Gao et al., 2010).

Posto isto, é de extrema importância salientar que “pessoas que não são psicopatas podem apresentar alguns sintomas (...) Muitos indivíduos são impulsivos ou volúveis, frios ou insensíveis, antissociais, mas isso não significa que são psicopatas. A psicopatia é uma síndrome – um conjunto de sintomas relacionados” (Hare, 1993/2013, p. 49). Segundo o DSM-5 para se considerar uma pessoa com Perturbação Antissocial da Personalidade, esta tem de apresentar pelo menos três características em simultâneo (APA, 2013/2014).

Autocrítica

O autocrítica é um processo que pode ser percebido segundo as formas e as funções. Pode ter como formas o *Eu Inadequado*, o *Eu Tranquilizador* e o *Eu Detestado* e pode ter como funções a autocorreção ou o autoataque (Gilbert, Clarke, Hempel, Miles e Irons, 2004). O *Eu Inadequado* diz respeito ao sentimento de inadequação do *eu* perante fracassos, obstáculos e

erros. O *Eu Tranquilizador* refere-se a uma atitude positiva, calorosa, de conforto e compaixão para com o *eu*. E, por fim, o *Eu Detestado* está relacionado com respostas mais destrutivas, com base na autorrepugnância, raiva e aversão na presença de situações de fracasso, caracterizada por uma relação com o *eu* não gostado e por um desejo de magoar, perseguir e agredir o *eu* (Castilho e Gouveia, 2011).

O autocrítica ocorre quando se assume uma postura rígida, intolerante e de autoavaliação negativa inerente ao nosso próprio sofrimento, ou seja, quando o *eu* descobre defeitos/falhas, acusa, julga ou se odeia (Amaral, Castilho e Gouveia, 2010).

Os adolescentes com autodano são os que têm níveis mais elevados de autocrítica, ou seja, quando as coisas lhes correm mal ou cometem erros apresentam um discurso interno focado nos erros e sentimentos de inadequação, na vontade de magoar o *eu* com sentimentos de agressividade, ódio e aversão autodirigida (Castilho, Gouveia e Bento, 2010).

Os indivíduos mais autocríticos têm pensamentos mais ruminativos e tendem a experienciar afeto negativo mais frequentemente (Amaral et al., 2010) e quando experienciam situações de fracasso e têm uma visão pouco valorizada de si próprios tendem também a manifestar mais sintomas depressivos (Coelho, Castilho e Gouveia, 2010).

Os sujeitos com níveis mais elevados de autocrítica são os que se recordam de terem experienciado situações de submissão na sua infância, ou seja, têm recordações de terem sido subordinados pelos progenitores (Coelho et al., 2010).

O autocrítica ocorre, assim, quando o ser humano assume uma postura dura e de autoavaliação negativa perante o seu próprio sofrimento, ou seja, as pessoas criticam-se de diferentes maneiras e para diferentes fins (Amaral et al., 2010; Gilbert et al., 2004).

Vergonha

A vergonha é um conjunto complexo de sentimentos, cognições e ações que variam de pessoa para pessoa (Gilbert, 2002), é também a emoção mais poderosa do ser humano, que ajuda a conduzir o comportamento e marca a forma como a pessoa se vê em relação ao *eu* com os outros (Tangney e Dearing, 2002).

A vergonha é uma emoção social, transversal a todos os seres humanos, que implica autorreflexão em situações de fracasso e provoca estados psicológicos desagradáveis (Raposo, 2014). O modo como se lida com a vergonha e como as pessoas se defendem dela poderá conduzir à adoção de comportamentos problemáticos (Elison, Pulos e Lennon, 2006).

Para perceber melhor as respostas ou os comportamentos que derivam das situações de vergonha, Nathanson (1992, citado por Elison, Lennon e Pulos, 2006), com base na sua

observação clínica, apresenta um modelo denominado *Compass of Shame Model*, onde identifica quatro estratégias para lidar com a vergonha: o *Evitamento*, o *Ataque ao Self*, a *Fuga* e o *Ataque ao Outro*. Assim, explica porque razão a vergonha é reduzida, ignorada ou ampliada (Elison, Lennon, et al., 2006). No *Evitamento*, a pessoa não reconhece a experiência negativa como sua e não aceita a mensagem de vergonha como válida, fazendo tentativas para se distrair a si e aos outros de forma a minimizar a sua consciência da vergonha ou colocando-se acima desta. No *Ataque ao Self*, a pessoa reconhece a experiência como negativa, aceita a mensagem de vergonha como válida e culpa-se a si própria, assumindo o controlo da vergonha de maneira a obter aceitação por parte dos outros. É caracterizado por experiências negativas e emoções com críticas autodirigidas (i.e., raiva, desprezo ou aversão) ampliando assim o impacto da vergonha. Na *Fuga*, a pessoa reconhece a experiência como negativa e tenta esconder-se ou retirar-se da situação, limitando a exposição à vergonha. No *Ataque ao Outro*, a pessoa pode ou não reconhecer a experiência negativa como sendo sua e não aceita a mensagem de vergonha tentando culpabilizar os outros para os inferiorizar, de maneira a reforçar a sua imagem e exteriorizar a vergonha (Elison, Lennon, et al., 2006).

A propensão para a vergonha na idade adulta e a vulnerabilidade para a psicopatologia estão relacionadas com as experiências emocionais precoces que resultaram de experiências de vergonha e de situações traumáticas e que parecem influenciar também a maturação e o funcionamento psicobiológico (Gilbert, 1998, 2000; Tangney e Dearing, 2002).

Segundo Coelho et al. (2010) são os sujeitos mais autocríticos que apresentam mais vergonha em comparação com os sujeitos menos autocríticos, ou seja, os indivíduos que têm um discurso interno mais crítico centrado nas suas falhas, percecionam-se como mais desajustados, imperfeitos e sem valor revelando mais vergonha de si e dos seus próprios comportamentos. São as mulheres que tendem a sentir mais vergonha quando comparadas com os homens (Lutwak e Ferrari, 1996; Matos, Pinto-Gouveia e Gomes, 2010).

Síntese e objetivos

Sabe-se que os psicopatas não sentem vergonha, remorsos ou até mesmo culpa (Hare, 1993/2013; Hare e Neumann, 2008). Mas como serão os sujeitos que têm mais atributos de psicopatia primária e secundária? Será que são autocríticos? E como lidam com os sentimentos de vergonha? Desta forma e sendo escassos os estudos que fazem a relação entre a psicopatia (primária e secundária), o autocrítica e a vergonha pretende-se, com este estudo, verificar:

1. Qual a intensidade dos atributos da psicopatia primária e secundária numa amostra *online*;
2. Quais as variáveis sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, escolaridade, situação profissional) que têm influência na psicopatia, no autocrítica e na vergonha;
3. Quais as relações existentes entre as variáveis em estudo;
4. E se essas potenciais relações são afetadas pelas variáveis sociodemográficas.

Materiais e Métodos

Procedimentos

No âmbito da investigação “*Processos Emocionais*” do Departamento de Investigação & Desenvolvimento do Instituto Superior Miguel Torga foi divulgado um questionário *online* através da plataforma *Google Docs*. Apelou-se aos utilizadores da rede social *Facebook* e também a amigos/conhecidos por email para contribuírem, de forma voluntária, para o nosso estudo. O protocolo de investigação incluiu um breve questionário sociodemográfico e uma bateria de testes. Os instrumentos utilizados foram: a *Compass of Shame Scale (CoSS)*; a Escala de Experiências Dissociativas (DES); a *Forms of Self-Criticizing/Attacking and Self-Reassuring Scale (FSCRS)*; a Escala de Experiências Traumáticas (TEC); a *Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS-21)*; a *Levenson’s Self Report Psychopathy Scale (LSRPS)* e a *Self Compassion Scale (SELCFCS)*.

Os participantes foram informados através do protocolo de investigação *online* das condições da sua participação, nomeadamente que esta seria voluntária, assegurando a confidencialidade e o anonimato, através da codificação dos seus dados, obtendo-se assim o seu consentimento informado.

O estudo decorreu entre janeiro e julho de 2016, tendo sido os dados recolhidos durante esse período. Os dados individuais de cada sujeito foram posteriormente inseridos no SPSS, tendo-se procedido à análise estatística pretendida.

Participantes

A amostra foi constituída, na sua totalidade, por 368 indivíduos da população *online* em geral. Dos 368 participantes, 207 (56,3%) pediram que lhes fosse devolvido a análise das suas respostas. Apenas um participante foi excluído por ter idade inferior a 18 anos e não poder participar no estudo.

Da amostra final (Tabela 1), os participantes tinham idades compreendidas entre os 18 e os 72 anos ($M = 30,00$; $DP = 9,89$) sendo que 65 (17,7%) eram do sexo masculino e 303

(82,3%) do sexo feminino. Quanto ao estado civil, verificámos que a maioria dos participantes eram solteiros ($n = 277$; 75,3%) e os restantes eram casados ($n = 91$; 24,7%). Relativamente ao grau de escolaridade, a maioria dos indivíduos relatou possuir o grau de Licenciatura ($n = 186$; 50,5%), seguido dos indivíduos com o grau de Mestrado ($n = 115$; 31,3%). Em média, os sujeitos, tinham 16,21 anos de escolaridade ($DP = 3,81$). Verificámos, também, que a maioria dos indivíduos se encontrava a trabalhar ($n = 226$; 61,4%), tal como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica da Amostra (N = 368)

		n	%
Idade ($M = 30,00$; $DP = 9,89$)	18 – 25	160	43,5
	26 – 40	155	42,1
	41 – 72	53	14,4
Sexo	Masculino	65	17,7
	Feminino	303	82,3
Estado civil	Solteiro	91	24,7
	Casado	277	75,3
Escolaridade ($M = 16,21$; $DP = 3,81$)	Ensino básico	7	1,9
	Ensino secundário	44	12,0
	Licenciatura	186	50,5
	Mestrado	115	31,3
	Doutoramento	16	4,3
Situação profissional	A trabalhar	226	61,4
	Desempregado	22	6,0
	Reformado	1	0,3
	Estudante	119	32,3

Notas: M = Média; DP = Desvio Padrão; n = número de sujeitos.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico. O questionário sociodemográfico foi construído com o objetivo de recolher informação relativa à idade, sexo, estado civil, escolaridade, anos de estudo e situação profissional.

Levenson's Self Report Psychopathy Scale (LSRPS). Esta escala foi desenvolvida por Levenson e colaboradores (1995) e traduzida e adaptada por Barbosa, Gonçalves, Almeida, Ferreira-Santos e Marques-Teixeira (2014). A LSRPS consiste numa escala de 26 itens e pretende avaliar a psicopatía em amostras não forenses. Os valores de cada item variam desde 1 (“discordo totalmente”) a 4 (“concordo totalmente”), exceto nos itens 3, 7, 10, 13, 15, 21 e 26 (4 passa a 1, 3 passa a 2, 2 passa a 3 e 1 passa a 4), sendo que os valores mais altos

representam valores mais elevados de psicopatia (Barbosa et al., 2014). A escala de psicopatia primária é composta por 16 itens (2, 4, 7, 9, 11, 12, 13, 15, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25 e 26) e avalia a postura de egoísmo, descuido e manipulação para com os outros e a escala de psicopatia secundária é composta por 10 itens (1, 3, 5, 6, 8, 10, 14, 16, 18 e 20) e avalia a impulsividade e o estilo de vida autodestrutivo. A psicopatia primária e secundária são, de forma aproximada, correspondentes ao Fator 1 e ao Fator 2 do PCL-R (Barbosa et al., 2014; Coelho, Paixão e Silva, 2010). A pontuação total obtém-se somando todos os itens e a pontuação de cada domínio obtém-se somando os itens correspondentes a cada um (Barbosa et al., 2014). Na sua versão original, os valores de consistência interna (alfa de Cronbach) obtidos foram 0,82 para a psicopatia primária e 0,63 para a psicopatia secundária (Levenson et al., 1995). No nosso estudo, os valores de consistência interna (alfa de Cronbach) obtidos foram 0,78 para a psicopatia primária e 0,67 para a psicopatia secundária, o que segundo Murphy e Davidshofer (2004) são valores baixos a moderados, ainda que sejam próximos do estudo original de Levenson et al. (1995) e, no caso da psicopatia secundária, atribuível ao baixo número de itens (Levenson et al., 1995; Peterson, 1994).

Forms of Self-Criticizing/Attacking and Self-Reassuring Scale (FSCRS). A Escala das Formas do Autocrítica e Autotranquilização foi desenvolvida por Gilbert et al. (2004) e validada para a população portuguesa por Castilho e Gouveia (2011). A FSCRS avalia a forma como as pessoas se autocríticam e autotranquilizam perante situações de fracasso e erro. Cada item é cotado numa escala tipo Likert de cinco pontos que varia desde 0 (“não sou assim”) a 4 (“sou extremamente assim”). É uma escala de autorresposta constituída por 22 itens organizados em três subescalas: *Eu Inadequado* (itens 1, 2, 4, 6, 7, 14, 17, 18 e 20) que avalia o sentimento de inadequação do *eu* perante fracassos, obstáculos e erros (e.g., “Há uma parte de mim que me inferioriza”); *Eu Tranquilizador* (itens 3, 5, 8, 11, 13, 16, 19 e 21) que indica uma atitude positiva, calorosa, de conforto e compaixão para com o *eu* (e.g., “Perdoe-me facilmente”) e o *Eu Detestado* (itens 9, 10, 12, 15 e 22) que avalia uma resposta mais destrutiva, baseada na autorrepugnância, raiva e aversão perante situações de fracasso, caracterizada por uma relação com o *eu* não gostada e por um desejo de magoar, perseguir e agredir o *eu* (e.g., “Não gosto de ser como sou”) (Castilho e Gouveia, 2011). Na sua versão original, os valores de consistência interna (alfa de Cronbach) obtidos foram 0,90 para a subescala *Eu Inadequado*; 0,86 para a subescala *Eu Tranquilizador* e 0,86 para a subescala *Eu Detestado* (Gilbert et al., 2004). Na versão portuguesa, os valores de consistência interna (alfa de Cronbach) obtidos foram 0,89 para a subescala *Eu Inadequado*; 0,87 para a subescala

Eu Tranquilizador e 0,62 para a subescala *Eu Detestado* (Castilho e Gouveia, 2011). No nosso estudo, os valores de consistência interna (alfa de Cronbach) obtidos foram 0,89 para a subescala *Eu Inadequado*; 0,89 para a subescala *Eu Tranquilizador* e 0,74 para a subescala *Eu Detestado*, sendo, portanto, consistências internas moderadas a altas (Murphy e Davidshofer, 2004).

Compass of Shame Scale (CoSS). Esta escala foi desenvolvida por Elison, Lennon, et al. (2006) e traduzida e adaptada para a população adolescente portuguesa por Vagos, Ribeiro da Silva, Brazão, Rijo e Elison (2017). A CoSS foi construída para avaliar o uso dos quatro estilos de reação à vergonha (*Evitamento*, *Ataque ao Self*, *Fuga* e *Ataque ao Outro*) descritos por Nathanson (1992, citado por Elison, Lennon, et al., 2006), que explicam porque é que a vergonha é reduzida, ignorada ou ampliada (Elison, Lennon, et al., 2006). A CoSS é uma escala de autorresposta constituída por 48 itens divididos em 12 cenários potencialmente indutores de vergonha. Os itens são avaliados numa escala tipo Likert de cinco pontos que varia desde 0 (“nunca”) a 4 (“quase sempre”) (Elison, Lennon, et al., 2006). Na CoSS-5 foi acrescentada uma subescala final que avalia respostas adaptativas perante situações indutoras de vergonha (Fonseca, 2013). Na sua versão original, os valores da consistência interna (alfa de Cronbach) obtidos foram adequados (0,74 para a subescala *Evitamento*; 0,91 para a subescala *Ataque ao Self*; 0,89 para a subescala *Fuga* e 0,85 para a subescala *Ataque ao Outro*) (Elison, Lennon, et al., 2006). Na versão portuguesa, os valores de consistência interna (alfa de Cronbach) obtidos foram de 0,74 para a subescala *Evitamento*; 0,92 para a subescala *Ataque ao Self*; e 0,89 para a subescala *Fuga* e 0,86 para a subescala *Ataque ao Outro* (Fonseca, 2013). No nosso estudo, os valores da consistência interna (alfa de Cronbach) obtidos foram 0,71 para a subescala *Evitamento*; 0,92 para a subescala *Ataque ao Self*; 0,90 para a subescala *Fuga* e 0,86 para a subescala *Ataque ao Outro*, o que segundo Murphy e Davidshofer (2004) são valores moderados a altos.

Análise Estatística

Para a análise e tratamento de dados, utilizámos o Programa *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS Statistics, versão 23.0 para Windows, 2014).

Para a caracterização da amostra foi realizada a estatística descritiva, com o cálculo das médias, desvios-padrão, percentagens e frequências.

Segundo Pestana e Gageiro (2014), o teste de normalidade é dispensado quando o tamanho da amostra (n) é superior a 30. Assim sendo, e considerando o teorema do limite central, recorreu-se a estatísticas paramétricas.

Para a análise da consistência interna dos instrumentos utilizou-se o alfa de Cronbach, recorrendo à classificação de Murphy e Davidshofer (2004, p. 150): $< 0,6$ *inaceitável*; $0,7$ *baixa*; $0,8-0,9$ *moderada a alta* e $> 0,9$ *alta*.

Foi utilizado o teste *t*/ANOVA e as correlações de Pearson (totais e parciais; *r*) para perceber se existe relação entre as variáveis em estudo (psicopatia primária e secundária, autocrítico e vergonha) e para explorar o efeito das características sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, escolaridade e situação profissional) nessas variáveis. Observando o tamanho da nossa amostra ($N = 368$), os testes considerados tiveram um poder de 95% para um alfa de 0,05 (Faul, Erdfelder, Lang e Buchner, 2007a, 2007b).

Para se proceder ao cálculo da ANOVA, na variável situação profissional, foi necessário eliminar o único sujeito presente na categoria reformado. Desta forma, não seria possível prosseguir com o cálculo da ANOVA.

Ainda relativamente à ANOVA e à decisão pelos testes *post hoc* adequados, determinámos a homogeneidade das variâncias segundo o teste de Levene. Assim, ao existir homogeneidade ($p > 0,05$) recorreremos ao teste *post hoc* Hochberg, não existindo será utilizado o teste *post hoc* Games-Howell, os dois com a correção de Bonferroni (p / n° de comparações par-a-par).

Para a análise da magnitude das diferenças recorreremos ao *d* de Cohen, segundo a seguinte tipologia: *insignificante* para valores inferiores a 0,19; *pequeno* para valores entre 0,20 e 0,49; *médio* para valores entre 0,50 e 0,79; *grande* para valores entre 0,80 e 1,29 e *muito grande* para valores superiores a 1,30 (Espírito-Santo e Daniel, 2015, p. 9).

Para analisar as correlações considerámos a tipologia de Cohen (1988): de 0,10 a 0,29 são consideradas *baixas*; de 0,30 a 0,49 *moderadas* e acima de 0,50 *altas*.

Resultados

Intensidade da psicopatia, do autocrítico e da vergonha numa amostra online

Na LSRPS, na subescala *Psicopatia Primária*, a média foi de 27,56 ($DP = 6,08$) e na subescala *Psicopatia Secundária*, a média foi de 19,99 ($DP = 4,36$).

Na FSCRS, na subescala *Eu Inadequado*, a média foi de 16,02 ($DP = 8,02$). Na subescala *Eu Tranquilizador*, a média foi de 22,00 ($DP = 6,55$). Na subescala *Eu Detestado*, a média foi de 2,76 ($DP = 3,26$).

Na CoSS, na subescala *Evitamento*, a média foi de 19,83 ($DP = 5,91$). Na subescala *Ataque ao Self*, a média foi de 21,09 ($DP = 9,71$). Na subescala *Fuga*, a média foi de 19,13 ($DP = 9,11$). Na subescala *Ataque ao Outro*, a média foi de 12,06 ($DP = 6,86$).

Influência das variáveis sociodemográficas

Na Tabela 2 podemos verificar as diferenças nas pontuações da LSRPS entre os grupos definidos pelas variáveis sociodemográficas através do teste *t* para amostras independentes ou análises de variância (ANOVA).

No que se refere aos atributos de *Psicopatia Primária*, as pontuações dos sujeitos diferiram significativamente entre as três faixas etárias, com um efeito pequeno ($\eta^2 = 0,03$). Verificamos que os homens tiveram uma pontuação mais alta do que as mulheres de forma estatisticamente significativa. No estado civil, também se verificou que os sujeitos solteiros tiveram uma pontuação mais alta do que os sujeitos casados. Apesar disso, a magnitude da diferença em ambas as variáveis foi pequena (*d* de Cohen = 0,47 e 0,32, respetivamente) (Tabela 2).

No que concerne aos atributos de *Psicopatia Secundária*, verificamos que as pontuações dos sujeitos diferiram significativamente entre as três faixas etárias, com um efeito pequeno ($\eta^2 = 0,03$). No estado civil, também se verificou que os sujeitos solteiros tiveram uma pontuação mais alta do que os sujeitos casados, no entanto, a magnitude da diferença foi pequena (*d* de Cohen = 0,28). Quanto à situação profissional, verificou-se que os sujeitos desempregados tiveram uma pontuação mais alta do que as restantes situações profissionais, com um efeito pequeno ($\eta^2 = 0,02$) (Tabela 2).

Tabela 2

Comparação da Psicopatia (LSRPS) entre os Grupos Definidos pelas Variáveis Sociodemográficas (N = 368)

		LSRPS (Psicopatia)			
		Primária		Secundária	
		M ± DP	Min - Máx	M ± DP	Min - Máx
Idade	18 – 25	28,21 ± 6,11	17 – 53	20,29 ± 4,33	11 – 33
	26 – 40	27,94 ± 5,69	18 – 43	20,33 ± 4,47	11 – 32
	41 - 72	24,74 ± 6,26	16 – 40	18,09 ± 3,69	11 – 27
ANOVA (F)		F = 8,38***; $\eta^2 = 0,03$		F = 6,00**; $\eta^2 = 0,03$	
Sexo	Masculino	29,88 ± 7,58	16 – 53	20,03 ± 4,40	12 – 30
	Feminino	27,06 ± 5,60	16 – 43	19,98 ± 4,36	11 – 33
t de Student		t = 2,84**; d = 0,47		t = 0,09 ^{NS} ; d = 0,01	
Estado civil	Solteiro	28,03 ± 6,13	16 – 40	20,29 ± 4,29	11 – 32
	Casado	26,12 ± 5,70	17 – 53	19,09 ± 4,48	11 – 33
t de Student		t = 2,62**; d = 0,32		t = 2,29*; d = 0,28	
Escolaridade	Ensino básico	27,86 ± 6,94	21 – 39	19,14 ± 4,53	13 – 25
	Ensino secundário	28,64 ± 5,79	18 – 43	21,55 ± 5,16	12 – 31
	Licenciatura	27,88 ± 6,18	16 – 53	19,87 ± 4,11	11 – 32
	Mestrado	27,05 ± 5,86	16 – 43	19,76 ± 4,39	12 – 33
	Doutoramento	24,31 ± 6,16	16 – 39	19,13 ± 4,15	13 – 25
ANOVA (F)		F = 1,84 ^{NS} ; $\eta^2 = 0,02$		F = 1,75 ^{NS} ; $\eta^2 = 0,02$	
Situação profissional	A trabalhar	27,37 ± 5,95	16 – 43	19,57 ± 4,47	11 – 32
	Desempregado	27,59 ± 6,33	17 – 38	21,86 ± 4,13	15 – 30
	Reformado	17,00 ± —	—	17,00 ± —	—
	Estudante	28,00 ± 6,24	17 – 53	20,47 ± 4,10	12 – 33
ANOVA (F)		F = 0,42 ^{NS} ; $\eta^2 = 0,002$		F = 3,87*; $\eta^2 = 0,02$	

Notas: M = Média; DP = Desvio Padrão; Min = Mínimo; Máx = Máximo; F = ANOVA; d = d de Cohen; η^2 = eta quadrado (soma dos quadrados entre grupos/soma total dos quadrados); LSRPS = Levenson's Self Report Psychopathy Scale.

*p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,001; ^{NS}Não significativo.

Comparações a *posteriori* entre pares de médias, realizadas recorrendo ao teste de *post hoc* Hochberg com a correção de Bonferroni, revelaram que, na *Psicopatia Primária e Secundária*, as duas faixas etárias entre os 18 e os 40 anos tiveram pontuações significativamente mais elevadas do que as idades na faixa etária entre os 41 e os 72 anos. Revelaram também que não existe relação entre a *Psicopatia Secundária* e a situação profissional.

Na Tabela 3 podemos verificar as diferenças nas pontuações da FSCRS entre os grupos definidos pelas variáveis sociodemográficas através do teste *t* para amostras independentes ou análises de variância (ANOVA).

No que concerne as características do *Eu Inadequado*, verificámos que as pontuações dos sujeitos diferiram significativamente entre as três faixas etárias, com um efeito pequeno ($\eta^2 = 0,03$). Verificámos que as mulheres tiveram uma pontuação mais alta do que os homens de forma estatisticamente significativa. No estado civil, também se verificou que os sujeitos solteiros tiveram

uma pontuação mais alta do que os sujeitos casados. A magnitude da diferença em ambas foi pequena (d de Cohen = 0,32 e 0,31, respetivamente) (Tabela 3).

No que concerne às características do *Eu Tranquilizador*, só foram observadas diferenças na variável sexo. Verificámos que os homens tiveram uma pontuação mais alta do que as mulheres de forma estatisticamente significativa, apesar da magnitude da diferença ser pequena (d de Cohen = 0,32).

No que concerne às características do *Eu Detestado*, só foram observadas diferenças na variável situação profissional. Verificámos que os sujeitos que se encontram desempregados têm pontuações mais altas do que os sujeitos que se encontram a trabalhar ou a estudar, com um efeito pequeno ($\eta^2 = 0,02$).

Tabela 3

Comparação do Autocriticismo (FSCRS) entre os Grupos Definidos pelas Variáveis Sociodemográficas (N = 368)

		FSCRS					
		Eu Inadequado		Eu Tranquilizador		Eu Detestado	
		M ± DP	Min - Máx	M ± DP	Min - Máx	M ± DP	Min-Máx
Idade	18 – 25	16,81 ± 8,15	0 – 35	21,51 ± 6,40	3 – 32	2,87 ± 3,44	0 – 16
	26 – 40	16,42 ± 7,91	0 – 34	22,01 ± 6,54	0 – 32	2,88 ± 3,28	0 – 17
	41 – 72	12,47 ± 7,07	0 – 28	23,42 ± 6,92	3 – 32	2,08 ± 2,53	0 – 11
ANOVA (F)		F = 6,33 ^{**} ; $\eta^2 = 0,03$		F = 1,70 ^{NS} ; $\eta^2 = 0,01$		F = 1,36 ^{NS} ; $\eta^2 = 0,01$	
Sexo	Masculino	13,94 ± 7,12	2 – 31	23,72 ± 5,63	10 – 32	2,48 ± 3,46	0 – 16
	Feminino	16,47 ± 8,14	0 – 35	21,62 ± 6,68	0 – 32	2,82 ± 3,22	0 – 17
t de Student		t = 2,53 [†] ; d = 0,32		t = 2,36 [†] ; d = 0,32		t = 0,77 ^{NS} ; d = 0,10	
Estado civil	Solteiro	16,63 ± 8,01	0 – 34	21,88 ± 6,20	0 – 32	2,83 ± 3,21	0 – 17
	Casado	14,15 ± 7,81	0 – 35	22,34 ± 7,55	3 – 32	2,55 ± 3,40	0 – 16
t de Student		t = 2,58 [†] ; d = 0,31		t = 0,53 ^{NS} ; d = 0,07		t = 0,70 ^{NS} ; d = 0,09	
Escolaridade	Ens. Básico	14,29 ± 9,67	0 – 30	19,00 ± 11,17	3 – 32	4,00 ± 4,90	0 – 11
	Ens. Secundário	17,64 ± 7,98	3 – 31	20,00 ± 7,66	0 – 31	3,30 ± 3,83	0 – 17
	Licenciatura	15,73 ± 8,20	0 – 34	22,06 ± 6,47	5 – 32	2,81 ± 3,30	0 – 16
	Mestrado	15,80 ± 7,75	0 – 35	22,87 ± 5,82	11 – 32	2,46 ± 2,97	0 – 16
	Doutoramento	17,25 ± 7,42	5 – 29	21,75 ± 6,10	14 – 32	2,31 ± 1,99	0 – 7
ANOVA (F)		F = 0,70 ^{NS} ; $\eta^2 = 0,01$		F = 1,29 ^{NS} ; $\eta^2 = 0,02$		F = 0,72 ^{NS} ; $\eta^2 = 0,01$	
Situação profissional	A trabalhar	15,44 ± 7,57	0 – 34	22,37 ± 6,43	0 – 32	2,48 ± 2,97	0 – 17
	Desempregado	19,14 ± 9,50	4 – 31	19,27 ± 8,58	3 – 32	4,55 ± 4,37	0 – 13
	Reformado	13,00 ± —	—	23,00 ± —	—	3,00 ± —	—
	Estudante	16,57 ± 8,48	0 – 35	21,77 ± 6,31	6 – 32	2,95 ± 3,47	0 – 16
ANOVA (F)		F = 2,10 ^{NS} ; $\eta^2 = 0,01$		F = 1,80 ^{NS} ; $\eta^2 = 0,01$		F = 3,11 [†] ; $\eta^2 = 0,02$	

Notas: M = Média; DP = Desvio Padrão; Min = Mínimo; Máx = Máximo; F = ANOVA; d = d de Cohen; η^2 = eta quadrado (soma dos quadrados entre grupos/soma total dos quadrados); FSCRS = *Forms of Self-Criticizing/Attacking and Self-Reassuring Scale*. *p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,001; ^{NS}Não significativo; [†] Tendência.

Comparações a *posteriori* entre pares de médias, realizadas recorrendo ao teste de *post hoc* Hochberg com a correção de Bonferroni, revelaram que, no *Eu Inadequado*, as duas faixas etárias entre os 18 e os 40 anos tiveram pontuações significativamente mais elevadas do que as idades na faixa etária entre os 41 e os 72 anos. Recorrendo ao teste de *post hoc* Games-Howell, verificou-se que não existe relação entre o *Eu Detestado* e a situação profissional (Tabela 3).

Na Tabela 4 podemos verificar as diferenças nas pontuações da CoSS entre os grupos definidos pelas variáveis sociodemográficas através do teste *t* para amostras independentes ou análises de variância (ANOVA). No que concerne as características do *Ataque ao Self*, verificámos que as pontuações dos indivíduos diferiram significativamente entre as três faixas etárias, com um efeito pequeno ($\eta^2 = 0,05$). Verificámos que as mulheres tiveram uma pontuação mais alta do que os homens de forma estatisticamente significativa. A magnitude da diferença foi pequena (*d* de Cohen = 0,45).

Relativamente às características da *Fuga*, verificámos que as pontuações dos indivíduos diferiram significativamente entre as três faixas etárias, com um efeito pequeno ($\eta^2 = 0,03$). Verificámos que as mulheres tiveram uma pontuação mais alta do que os homens de forma estatisticamente significativa, sendo que a magnitude da diferença foi média (*d* de Cohen = 0,54) (Tabela 4).

Por último, nas características do *Ataque ao Outro*, verificámos que as pontuações dos indivíduos diferiram significativamente entre as três faixas etárias, com um efeito pequeno ($\eta^2 = 0,02$).

Tabela 4

Comparação da Vergonha (CoSS) entre os Grupos Definidos pelas Variáveis Sociodemográficas (N = 368)

		CoSS							
		Evitamento		Ataque ao Self		Fuga		Ataque ao Outro	
		M ± DP	Min-Máx	M ± DP	Min-Máx	M ± DP	Min-Máx	M ± DP	Min-Máx
Idade	18 – 25	19,73 ± 5,58	3 – 35	22,04 ± 9,48	0 – 46	20,33 ± 9,12	1 – 42	12,12 ± 6,66	0 – 31
	26 – 40	20,41 ± 5,97	3 – 35	21,97 ± 9,71	0 – 44	19,07 ± 8,95	0 – 43	12,83 ± 6,63	0 – 36
	41 – 72	18,43 ± 6,56	3 – 34	15,62 ± 8,75	1 – 36	15,70 ± 8,85	0 – 38	9,66 ± 7,64	0 – 34
ANOVA (F)		F = 2,27 ^{NS} ; η ² = 0,01		F = 10,31 ^{***} ; η ² = 0,05		F = 5,27 ^{**} ; η ² = 0,03		F = 4,30 [*] ; η ² = 0,02	
Sexo	Masculino	18,63 ± 6,61	3 – 35	17,57 ± 8,85	0 – 36	15,18 ± 9,30	0 – 42	10,62 ± 7,06	0 – 32
	Feminino	20,09 ± 5,73	3 – 35	21,85 ± 9,74	0 – 46	19,98 ± 8,86	0 – 43	12,37 ± 6,78	0 – 36
t de Student		t = 1,81 ^{NS} ; d = 0,25		t = 3,26 ^{**} ; d = 0,45		t = 3,92 ^{***} ; d = 0,54		t = 1,88 ^{NS} ; d = 0,26	
Estado civil	Solteiro	19,88 ± 5,74	3 – 34	21,58 ± 9,49	1 – 44	19,57 ± 9,00	0 – 43	12,07 ± 6,70	0 – 36
	Casado	19,68 ± 6,44	3 – 35	19,60 ± 10,28	0 – 46	17,80 ± 9,39	0 – 42	12,03 ± 7,36	0 – 32
t de Student		t = 0,27 ^{NS} ; d = 0,03		t = 1,69 ^{NS} ; d = 0,20		t = 1,61 ^{NS} ; d = 0,19		t = 0,05 ^{NS} ; d = 0,01	
Escolaridade	Ens. Básico	20,86 ± 8,73	8 – 32	22,43 ± 13,60	10 – 46	16,71 ± 13,60	2 – 35	11,71 ± 12,16	0 – 34
	Ens. Secun.	19,61 ± 6,19	3 – 33	21,61 ± 9,63	0 – 40	20,95 ± 10,01	0 – 43	12,86 ± 7,54	0 – 28
	Licenciat.	19,65 ± 5,97	3 – 35	20,80 ± 10,35	0 – 45	18,93 ± 9,10	0 – 39	11,62 ± 6,70	0 – 36
	Mestrado	20,17 ± 5,25	6 – 34	21,04 ± 8,55	3 – 45	18,72 ± 8,32	0 – 42	12,41 ± 6,35	1 – 32
	Doutoram.	19,63 ± 8,03	3 – 30	22,81 ± 9,27	5 – 41	20,56 ± 10,38	2 – 40	12,63 ± 7,86	0 – 26
ANOVA (F)		F = 0,14 ^{NS} ; η ² = 0,002		F = 0,22 ^{NS} ; η ² = 0,002		F = 0,74 ^{NS} ; η ² = 0,01		F = 0,25 ^{NS} ; η ² = 0,004	
Situação profissional	A trabalhar	19,98 ± 6,26	3 – 35	20,48 ± 9,31	0 – 44	18,10 ± 8,42	0 – 43	11,78 ± 6,72	0 – 36
	Desempreg.	19,05 ± 3,94	13 – 28	23,50 ± 11,98	0 – 40	22,09 ± 13,23	0 – 42	13,23 ± 8,66	1 – 32
	Reformado	19,00 ± —	—	10,00 ± —	—	21,00 ± —	—	1,00 ± —	—
	Estudante	19,70 ± 5,57	3 – 35	21,90 ± 9,95	1 – 46	20,53 ± 9,29	1 – 42	12,48 ± 6,71	0 – 31
ANOVA (F)		F = 0,41 ^{NS} ; η ² = 0,001		F = 1,54 ^{NS} ; η ² = 0,01		F = 2,66 ^{NS} ; η ² = 0,02		F = 0,73 ^{NS} ; η ² = 0,003	

Notas: M = Média; DP = Desvio Padrão; Min = Mínimo; Máx = Máximo; F = ANOVA; d = d de Cohen; η² = eta quadrado (soma dos quadrados entre grupos/soma total dos quadrados); CoSS = *Compass of Shame Scale*.

*p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,001; ^{NS}Não significativo.

Comparações a *posteriori* entre pares de médias, realizadas recorrendo ao teste de *post hoc* Hochberg com a correção de Bonferroni, revelaram que, no *Ataque ao Self*, as duas faixas etárias entre os 18 e os 40 anos tiveram pontuações significativamente mais elevadas do que idades na faixa etária entre os 41 e os 72 anos. Na *Fuga*, as faixas etárias entre os 18 e os 25 anos e os 41 e os 72 anos tiveram pontuações significativamente mais elevadas do que a faixa etária dos 26 aos 40 anos. No *Ataque ao Outro*, a faixa etária entre os 26 e os 40 anos tiveram pontuações significativamente mais elevadas do que as restantes faixas etárias.

Correlações

Correlações entre a Levenson's Self Report Psychopathy Scale, a Forms of Self-Criticizing/Attacking and Self-Reassuring Scale e a Compass of Shame Scale. De acordo

com os critérios de Cohen (1988) e como se pode observar na Tabela 5, verifica-se uma correlação alta entre a subescala *Psicopatia Secundária* e a subescala *Eu Inadequado* e entre a subescala *Psicopatia Secundária* e a subescala *Eu Detestado*.

Verificam-se correlações moderadas (Cohen, 1988) entre a subescala *Psicopatia Primária* e a *Psicopatia Secundária*; a subescala *Psicopatia Primária* e a subescala *Ataque ao Outro*; a subescala *Psicopatia Secundária* e a subescala *Eu Tranquilizador*; a subescala *Psicopatia Secundária* e a subescala *Ataque ao Self*; a subescala *Psicopatia Secundária* e a subescala *Fuga* e a subescala *Psicopatia Secundária* e a subescala *Ataque ao Outro*.

Verifica-se também correlações baixas (Cohen, 1988) entre a *Psicopatia Primária* e a subescala *Eu Inadequado* e entre a *Psicopatia Primária* e a subescala *Eu Detestado*. E, também, entre a *Psicopatia Secundária* e o *Evitamento*.

Tabela 5

Correlações de Pearson entre a Levenson's Self Report Psychopathy Scale (LSRPS), a Forms of Self-Criticizing/Attacking and Self-Reassuring Scale (FSCRS) e a Compass of Shame Scale (CoSS) (N = 368)

Instrumentos	Correlações								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Psicopatia Primária	—	0,37**	0,11*	-0,10	0,16**	0,07	0,03	0,02	0,33**
2. Psicopatia Secundária		—	0,58**	-0,44**	0,56**	0,18**	0,42**	0,45**	0,46**
3. Eu Inadequado			—	-0,57**	0,67**	0,21**	0,78**	0,70**	0,42**
4. Eu Tranquilizador				—	-0,59**	0,05	-0,52**	-0,51**	-0,24**
5. Eu Detestado					—	0,13**	0,61**	0,59**	0,34**
6. Evitamento						—	0,27**	0,26**	0,31**
7. Ataque ao Self							—	0,80**	0,48**
8. Fuga								—	0,58**
9. Ataque ao Outro									—

Notas: 1 e 2: subtipos da LSRPS; 3, 4 e 5: subescalas da FSCRS; 6, 7, 8 e 9: subescalas da CoSS. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Após observação das correlações decidimos criar grupos extremos (através dos percentis baseados em seis percentis iguais e escolhendo os percentis extremos). Após as comparações da FSCRS e da CoSS entre os grupos extremos de *Psicopatia Primária* e *Secundária* (Tabela 6) verificaram-se algumas diferenças estatisticamente significativas. Verificou-se, principalmente, que os sujeitos que possuem maior número de atributos de *Psicopatia Secundária* tendem a sentir-se mais inadequados e a terem respostas mais destrutivas e ao mesmo tempo terem atitudes mais positivas e calorosas para com eles próprios quando

situações de fracasso ou obstáculos na sua vida. Também são os mesmos indivíduos que se culpam a eles próprios, que se escondem ou que tentam culpabilizar os outros pelas situações de vergonha que podem ocorrer.

Tabela 6

Comparações da *Forms of Self-Criticizing/Attacking and Self-Reassuring Scale (FSCRS)* e a *Compass of Shame Scale (CoSS)* entre os Grupos Extremos de Psicopatia Primária e Secundária Determinados pelos Percentis 17 e 83 ($N = 368$)

	Psicopatia Primária				t de Student	d	Interpretação d
	Baixa (n = 65)		Alta (n = 52)				
	M	DP	M	DP			
Eu Inadequado	14,83	8,68	17,75	6,67	2,01*	0,37	pequeno
Eu Tranquilizador	22,83	6,82	21,08	5,46	1,51 ^{NS}	0,28	pequeno
Eu Detestado	2,19	2,92	3,90	3,47	2,91**	0,53	médio
Evitamento	20,14	6,60	20,85	5,26	0,63 ^{NS}	0,12	insignificante
Ataque ao Self	20,12	10,84	20,73	8,70	0,33 ^{NS}	0,06	insignificante
Fuga	19,11	9,92	18,15	8,93	0,54 ^{NS}	0,10	insignificante
Ataque ao Outro	8,88	6,13	14,92	7,55	4,78***	0,88	grande
	Psicopatia Secundária				t de Student	d	Interpretação d
	Baixa (n = 59)		Alta (n = 42)				
	M	DP	M	DP			
Eu Inadequado	9,15	6,24	23,31	6,27	11,21***	2,26	muito grande
Eu Tranquilizador	26,85	4,88	17,40	6,05	8,67***	1,74	muito grande
Eu Detestado	0,76	1,37	6,43	4,14	9,81***	1,91	muito grande
Evitamento	17,68	6,43	20,67	5,42	2,45*	0,50	pequeno
Ataque ao Self	14,97	7,85	27,17	8,26	7,53***	1,52	muito grande
Fuga	12,24	7,13	25,24	10,00	7,64***	1,52	muito grande
Ataque ao Outro	7,54	4,91	17,05	7,66	7,60***	1,51	muito grande

Notas: M = Média; DP = Desvio Padrão; d = d de Cohen. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; ^{NS}Não significativo.

Quanto ao quarto objetivo do nosso estudo e após a realização de análise de frequências, verificou-se que as variáveis sociodemográficas não influenciaram as relações entre a psicopatia primária, o autocrítica e a vergonha nem influenciaram as relações entre a psicopatia secundária, o autocrítica e a vergonha.

Discussão

O primeiro objetivo pretendia perceber qual a intensidade da Psicopatia Primária e Secundária numa amostra online. A Psicopatia Primária apresenta uma média de 27,56 ($DP = 6,08$), ligeiramente inferior à obtida no estudo original ($M = 29,13$; $DP = 6,86$) realizado com 487 estudantes universitários (Levenson et al., 1995). Quanto à Psicopatia Secundária esta apresenta uma média de 19,99 ($DP = 4,36$) semelhante à do estudo original ($M = 19,32$; $DP = 4,06$) (Levenson et al., 1995). A parecença nestas médias pode explicar-se pela semelhança nas amostras. No estudo de Levenson et al. (1995) a amostra era constituída por

estudantes universitários e o nosso estudo envolve maioritariamente jovens (18 aos 25 anos) com formação académica (licenciatura/mestrado). Apesar da diferença na forma de recolha de dados (alunos das turmas de Psicologia da Universidade da Califórnia vs. *online*) a semelhança nas médias, leva a considerar que os atributos de *psicopatia* poderão ser transversais a diferentes culturas.

O segundo objetivo pretendia saber quais as variáveis sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, escolaridade e situação profissional) que influenciam a psicopatia, o autocrítica e a vergonha. Em relação às três escalas utilizadas no nosso estudo foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis idade, sexo, estado civil e situação profissional.

A *Psicopatia Primária* (egoísmo, insensibilidade, indiferença e manipulação) é influenciada pela idade, sexo e estado civil. Os homens tiveram uma pontuação mais alta do que as mulheres de forma estatisticamente significativa, o que vai ao encontro de outros estudos (Levenson et al., 1995; Ross, Lutz e Bailey, 2004; Silva, 2010). São os homens, os sujeitos solteiros e os sujeitos entre os 18 e os 40 anos de idade que possuem mais atributos de psicopatia primária. Os homens apresentam mais atributos comparativamente às mulheres talvez por possuírem uma maior insensibilidade emocional. Os resultados encontrados na população solteira levam-nos a colocar duas hipóteses: os indivíduos estão solteiros porque apresentam estes atributos ou, estes atributos são exacerbados porque os indivíduos estão solteiros. O facto de nas idades entre os 18 e os 40 anos existirem mais atributos de psicopatia primária parece sugerir que à medida que a idade aumenta, diminuem os atributos de psicopatia primária. A *Psicopatia Secundária* (impulsividade e estilo de vida autodestrutivo) é influenciada pela idade e pelo estado civil. Os sujeitos entre os 18 e os 40 anos de idade e os sujeitos solteiros têm mais atributos de psicopatia secundária. Tal como no anterior, o estar solteiro e a idade poderão condicionar estes atributos.

No que diz respeito às formas de *autocrítica*, verifica-se que o *Eu Inadequado* é influenciado pela idade, sexo e estado civil. Assim, as mulheres, os sujeitos solteiros e os sujeitos entre os 18 e os 40 anos de idade têm mais sentimentos de inadequação perante situações de fracasso, obstáculos e erros. Estes resultados relativos às mulheres levam-nos a colocar a hipótese que estes se devem à ideia das mulheres demonstrarem mais as suas emoções do que os homens assim como, à conceção (cultural) das mulheres como mais frágeis do que os homens. Os resultados obtidos para os sujeitos solteiros, que apresentam mais sentimentos de inadequação, levam-nos à hipótese que, o facto de estar solteiro sugere uma maior insegurança, menor expressão de sentimentos e relações interpessoais mal adaptativas. Os sujeitos entre os 18 e os 40 anos de idade, que apresentam mais sentimentos

de inadequação, parece sugerir que à medida que a idade aumenta, os sujeitos deixam de possuir sentimentos de inadequação; o *Eu Tranquilizador* é influenciado pelo sexo. Verifica-se que são os homens que revelam atitudes mais positivas, calorosas e de compaixão em comparação com as mulheres. Talvez este aspeto seja um reflexo de uma característica cultural, em que os homens parecem ser educados a não demonstrarem tanto as suas emoções.

Relativamente aos estilos de *coping* para lidar com a vergonha, o *Evitamento* não é influenciado por nenhuma variável sociodemográfica. O *Ataque ao Self* e a *Fuga* são influenciados pela idade e pelo sexo. O *Ataque ao Outro* é apenas influenciado pela idade. Assim, o nosso estudo aponta que são as mulheres e os sujeitos entre os 18 e os 40 anos de idade que têm maior tendência a culpar-se a si próprios aquando situações de vergonha (*Ataque ao Self*). São também as mulheres e os sujeitos entre os 18 e os 40 anos de idade que tentam esconder-se ou retirar-se para limitar o impacto da situação de vergonha (*Fuga*). Eventualmente, estes resultados, devem-se à correlação que existe entre a vergonha e o autocrítica.

Por outro lado, os resultados obtidos para os sujeitos entre os 26 e os 40 anos de idade apontam para uma tendência a culpabilizar os outros, inferiorizando-os (*Ataque ao Outro*), ou seja, estes sujeitos tendem a externalizar a vergonha por forma a poderem tranquilizar-se. Estes resultados parecem ir ao encontro dos estudos de Gilbert (1998, 2000) e Tangney e Dearing (2002) que afirmam que a propensão para a vergonha na idade adulta está relacionada com experiências emocionais precoces que resultaram de experiências de vergonha e de situações traumáticas.

Quanto ao terceiro objetivo, pretendia-se entender as relações existentes entre as variáveis em estudo. Assim, encontram-se relações entre a *Psicopatia Primária e Secundária*, o *Autocrítica* e a *Vergonha*.

Os atributos de *Psicopatia Primária* estão correlacionados com a forma do *Eu Detestado* e do *Eu Inadequado* do autocrítica. Apesar destas correlações serem baixas, a comparação entre o *Eu Detestado* e o *Eu Inadequado* pelos grupos extremos de psicopatia primária revelaram uma diferença significativa (d de Cohen = 0,53 e 0,37, respetivamente).

Os atributos de *Psicopatia Secundária* estão correlacionados com o *Eu Inadequado*, com o *Eu Tranquilizador* e com o *Eu Detestado* das formas de autocrítica. Contudo, a comparação das três formas de autocrítica pelos grupos extremos de *Psicopatia Secundária* revelaram uma magnitude muito grande: *Eu Inadequado* (d de Cohen = 2,26), *Eu Tranquilizador* (d de Cohen = 1,74) e *Eu Detestado* (d de Cohen = 1,91).

Os atributos de *Psicopatia Primária* estão correlacionados moderadamente com o *Ataque ao Outro* perante situações de vergonha. Contudo, a comparação do *Ataque ao Outro* pelos grupos extremos de Psicopatia Primária revelou uma magnitude grande (d de Cohen = 0,88). Os atributos de *Psicopatia Secundária* têm uma correlação baixa com o *Evitamento* e correlações moderadas com o *Ataque ao Self*, a *Fuga* e o *Ataque ao Outro*. A comparação do *Evitamento* com a Psicopatia Secundária através dos grupos extremos revelou uma magnitude pequena (d de Cohen = 0,50) e uma magnitude muito grande com o *Ataque ao Self* (d de Cohen = 1,52), com a *Fuga* (d de Cohen = 1,52) e com o *Ataque ao Outro* (d de Cohen = 1,51). Estes resultados vão ao encontro parcial do estudo realizado por Campbell e Elison (2005), com 305 estudantes universitários, onde foram avaliados os estilos de *coping* com a vergonha (CoSS) e os traços psicopáticos da personalidade (LSRPS). Estes autores obtiveram correlações positivas nas subescalas *Evitamento* e *Ataque ao Outro* (CoSS) com as duas subescalas da psicopatia.

Perante estes resultados, podemos presumir que quem possui atributos de psicopatia primária tem tendência a sentir-se inadequado perante fracassos (*Eu Inadequado*) e tem um desejo de se magoar e agredir (*Eu Detestado*) e perante situações de vergonha externaliza a vergonha (*Ataque ao Outro*) de maneira a fazer o outro sentir-se inferior, provavelmente porque é segundo Hare (1993/2013) egocêntrico e emocionalmente pobre.

Ao contrário, os sujeitos que possuem atributos de psicopatia secundária conseguem autocriticar-se (*Eu Detestado* e *Eu Inadequado*) e ter atitudes de conforto (*Eu Tranquilizador*) e conseguem internalizar (*Fuga* e *Ataque ao Self*) e externalizar (*Evitamento* e *Ataque ao Outro*) a vergonha consoante a situação que está a ocorrer provavelmente porque conseguem demonstrar traços sociais positivos tais como a empatia e o sentimento de culpa.

Por último, verificámos também que as variáveis sociodemográficas não têm influência nas relações que encontramos entre os atributos de psicopatia primária e secundária, as formas do autocrítica e os estilos de *coping* para lidar com a vergonha.

Sendo este o primeiro estudo a fazer este tipo de análise e não havendo outros estudos que suportem estas relações, pode ser importante replicar este estudo, por exemplo, através de uma comparação com uma amostra forense, tentando perceber que atributos de psicopatia é que se evidenciam nos(as) reclusos(as), quais as suas formas de autocrítica e quais os seus estilos de *coping* para lidar com a vergonha.

Conclusão

Os atributos de *Psicopatia Primária* estão relacionados com os atributos de *Psicopatia Secundária*, com as formas do *Eu Detestado* e do *Eu Inadequado* do autocrítica e com o estilo adaptativo da vergonha *Ataque ao Outro*. Os atributos de *Psicopatia Secundária* estão relacionados com todas as formas do autocrítica e com todos os estilos de *coping* para lidar com a vergonha.

Referências Bibliográficas

- Amaral, V., Castilho, P. e Gouveia, J. P. (2010). A contribuição do auto-crítica e da ruminação para o afecto negativo. *Psychologica*, 52(2), 271-292. doi:10.14195/1647-8606_52-2_11
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais* (5.^a ed.). Lisboa: Climepsi Editores (Trabalho original em inglês publicado em 2013).
- Barbosa, F., Gonçalves, S., Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F. e Marques-Teixeira, J. (2014). *The Levenson Self-Report Psychopathy Scale (LSRPS): Translation and adaptation to European Portuguese (LabReport No. 7)*. Porto: Laboratory of Neuropsychophysiology (Universidade do Porto). Disponível em http://www.fpce.up.pt/labpsi/data_files/09labreports/LabReport_7.pdf
- Campbell, J. S. e Elison, J. (2005). Shame coping styles and psychopathic personality traits. *Journal of Personality Assessment*, 84(1), 96-104. doi:10.1207/s15327752jpa8401_16
- Castilho, P. e Gouveia, J. P. (2011). Auto-Crítica: Estudo de validação da versão portuguesa da Escala das Formas do Auto-Crítica e Auto-Tranquilização (FSCRS) e da Escala das Funções do Auto-Crítica e Auto-Ataque (FSCS). *Psychologica*, 54, 63-86. doi:10.14195/1647-8606_54_3
- Castilho, P., Gouveia, J. P. e Bento, E. (2010). Auto-crítica, vergonha interna e dissociação: A sua contribuição para a patoplastia do auto-dano em adolescentes. *Psychologica*, 52(2), 331-360. doi:10.14195/1647-8606_52-2_14
- Cleckley, H. M. (1988). *The mask of sanity: An attempt to clarify some issues about the so-called psychopathic personality* (5.^a ed.). Augusta, Georgia: Emily S. Cleckley.
- Coelho, S. A., Castilho, P. e Gouveia, J. P. (2010). Recordação de experiências de ameaça e subordinação na infância, auto-crítica, vergonha e submissão: A sua contribuição para a depressão em estudantes universitários. *Psychologica*, 52(2), 449-474.

doi:10.14195/1647-8606_52-2_19

- Coelho, L., Paixão, R. e Silva, J. T. (2010). O Levenson's Self Report Psychopathy Scale (LSRP). *Psychologica*, 53, 413-421. doi:10.14195/1647-8606_53_20
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2.^a ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Elison, J., Lennon, R. e Pulos, S. (2006). Investigating the compass of shame: The development of the compass of shame scale. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 34(3), 221-238. doi:10.2224/sbp.2006.34.3.221
- Elison, J., Pulos, S. e Lennon, R. (2006). Shame-focused coping: An empirical study of the compass of shame. *Social Behavior and Personality*, 34(2), 161-168. doi:10.2224/sbp.2006.34.2.161
- Espírito-Santo, H. e Daniel, F. (2015). Calcular e apresentar tamanhos do efeito em trabalhos científicos (1): As limitações do $p < 0,05$ na análise de diferenças de médias de dois grupos. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 1(1), 3-16. doi:10.7342/ismt.rpics.2015.1.1.14
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A.-G. e Buchner, A. (2007a). G*Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39(2), 175-191. doi:10.3758/BF03193146
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A.-G. e Buchner, A. (2007b). G*Power 3 (Versão 3.1.9.2 for Mac OS X) [Programa Informático]. Düsseldorf: Heinrich-Heine-Universität Dusseldorf. Acedido em 16, novembro, 2016, em <http://www.gpower.hhu.de/en.html>
- Fonseca, L. M. A. (2013). *A bússola da vergonha: Dimensionalidade e características psicométricas da escala de coping com a vergonha em adolescentes* [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/25322>
- Gao, Y., Raine, A., Chan, F., Venables, P. H. e Mednick, S. A. (2010). Early maternal and paternal bonding, childhood physical abuse and adult psychopathic personality. *Psychological Medicine*, 40(6), 1007-1016. doi:10.1017/S0033291709991279
- Gilbert, P. (1998). What is shame? Some core issues and controversies. Em P. Gilbert e B. Andrews (Eds.), *Shame: Interpersonal behavior, psychopathology and culture* (pp. 3-38). New York, NY: Oxford University Press.
- Gilbert, P. (2000). Social mentalities: Internal "social" conflict and the role of inner warmth and compassion in cognitive therapy. Em P. Gilbert e K. G. Bailey (Eds.), *Genes on the couch: Explorations in evolutionary psychotherapy* (pp. 118-150). New York, NY:

Brunner-Routledge.

- Gilbert, P. (2002). Body shame: A biopsychosocial conceptualisation and overview with treatment implications. Em P. Gilbert e J. Miles (Eds.), *Body shame: Conceptualisation, research and treatment* (pp. 3-54). New York, NY: Brunner-Routledge.
- Gilbert, P., Clarke, M., Hempel, S., Miles, J. N. V. e Irons, C. (2004). Criticizing and reassuring oneself: An exploration of forms, styles and reasons in female students. *British Journal of Clinical Psychology*, 43(1), 31-50. doi:10.1348/014466504772812959
- Hare, R. D. (2013). *Sem consciência: O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós* (D. Sales, Trad., 1.ª ed.). Lisboa: Artmed Editora (Trabalho original em inglês publicado em 1993).
- Hare, R. D. e Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4(1), 217-246. doi:10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452
- Karpman, B. (1948). Conscience in the psychopath: Another version. *American Journal of Orthopsychiatry*, 18(3), 455-491. doi:10.1111/j.1939-0025.1948.tb05109.x
- Lee, Z. e Salekin, R. T. (2010). Psychopathy in a noninstitutional sample: Differences in primary and secondary subtypes. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 1(3), 153-169. doi:10.1037/a0019269
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A. e Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 151-158. doi:10.1037/0022-3514.68.1.151
- Lutwak, N. e Ferrari, J. R. (1996). Moral affect and cognitive processes: Differentiating shame from guilt among men and women. *Personality and Individual Differences*, 21(6), 891-896. doi:10.1016/S0191-8869(96)00135-3
- Marcelli, D. e Braconnier, A. (2005). Os comportamentos psicopáticos. Em *Adolescência e psicopatologia* (F. Fonseca e R. Rocha, Trad., 1.ª ed., pp. 381-400). Lisboa: Climepsi Editores (Trabalho original em francês publicado em 1983).
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J e Gomes, P. (2010). A centralidade das experiências da vergonha: Estudo das propriedades psicométricas da versão portuguesa da escala da centralidade do acontecimento. *Psicologia*, 24(1), 73-95.
- Murphy, K. R. e Davidshofer, C. O. (2004). *Psychological testing: Principles and applications* (6.ª ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Pestana, M. H. e Gageiro, J. N. (2014). *Análise de dados para ciências sociais - A complementaridade do SPSS* (6.ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

- Peterson, R. A. (1994). A meta-analysis of cronbach's coefficient alpha. *Journal of Consumer Research*, 21(2), 381-391. doi: 10.2307/2489828
- Pires, C. M. L. (2003). *Manual de psicopatologia: Uma abordagem biopsicossocial* (2.^a ed., rev.). Leiria: Editorial Diferença.
- Raposo, C. J. S. (2014). *À descoberta das emoções sociais: Vergonha e culpa – Implementação e avaliação de duas sessões de um programa para a promoção de competências emocionais: Um enfoque comunitário* [Dissertação de mestrado]. Universidade dos Açores, Ponta Delgada. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.3/3409>
- Ross, S. R., Lutz, C. J. e Bailey, S. E. (2004). Psychopathy and the five factor model in a noninstitutionalized sample: A domain and facet level analysis. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(4), 213-223. doi:10.1023/b:joba.0000045337.48535.a5
- Silva, N. V. M. (2010). *Psicopatia e traços da personalidade em estudantes universitários* [Dissertação de mestrado]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10437/1256>
- Soeiro, C. e Gonçalves, R. A. (2010). O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 24(1), 227-240. doi:10.14417/ap.271
- Tangney, J. P. e Dearing, R. L. (2002). *Shame and guilt*. New York, NY: Guilford Press.
- Vagos, P., Ribeiro da Silva, D., Brazão, N., Rijo, D. e Elison, J. (2017). Psychometric properties of the Compass of Shame Scale: Testing for measurement invariance across community and forensic adolescent samples. Manuscrito submetido para publicação.
- Warburton, W. A. e Anderson, C. A. (2015). Social psychology of aggression. Em J. D. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (2.^a ed., Vol. 1, pp. 373-380). Amsterdam, Netherlands: Elsevier. doi:10.1016/B978-0-08-097086-8.24002-6